

Reciprocidade em deslize:

Aliança e localismo em pistas de skate

Maurício Bacic Olic

*A descrição etnográfica não fixa a visão em um saber.
Ela introduz uma preocupação naquilo que é visto.*
François Laplantine.

Todo ser humano é um 'antropólogo', um inventor de cultura.
Roy Wagner.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo investigar os modos de fixação, fluxo e reciprocidade dos skatistas tomando como referência espaços destinados especificamente para sua prática, conhecidos como *skateparks*, ou, pistas de skate. A partir do trabalho de campo realizado na pista do CEU Butantã, localizada na região oeste da cidade de São Paulo, buscar-se-á descrever, por um lado, como os skatistas constroem territorialidades na pista, entendidas a partir da categoria nativa *localismo*. Por outro lado, valendo-se de outras duas categorias nativas, *YEAH!* e *tesourar*, o artigo irá analisar como estas formas mais densas de pertencimento coexistem com uma rede mais ampla de socialidade que apontam para um jogo relacional de sociabilidade e conflito que atravessam a pista de skate.

É importante ressaltar que o alcance desta análise a partir do “enfoque microscópico” só é possível pelo fato da pista do CEU Butantã ser considerado um dos melhores locais da cidade para prática de skate, o que acaba atraindo skatistas de diversos pontos da cidade, e de fora dela, a se deslocarem para lá. Com isso, a princípio, um olhar distanciado sobre este universo pode levar a uma generalização dos corpos que ali circulam, determinando-os de forma homogênea como sendo ‘os skatistas’. No entanto, com o olhar etnográfico que Magnani (2002) denominou de perto e de dentro, ou seja, um olhar que capte as relações microscópicas tecidas pelos sujeitos que são o lócus da pesquisa, pode-se observar que embora exista um fator único que os leve a ocupar a pista, isto é, o gosto comum pela prática do skate, as relações construídas pelos skatistas possuem diferentes formas de proximidade e distanciamento tanto com a pista, como entre os próprios praticantes.

*

Localizada na Avenida Eng. Heitor Eiras Garcia, altura 1700, próximo ao km 14 da rodovia Raposo Tavares, o CEU Butantã foi inaugurado no segundo semestre de 2003 durante a gestão da então prefeita de São Paulo Marta Suplicy. Os Centros Educacionais Unificados (CEU), projetados para atender regiões menos favorecidas da capital, possuem em sua estrutura além da escola de ensino fundamental, piscinas, teatro, biblioteca, quadras poliesportivas, campo de futebol e pista de skate. A inserção do skate neste projeto de políticas públicas deve-se em grande medida, a uma pesquisa realizada junto aos alunos das escolas públicas da capital no qual o skate ocupou a segunda posição entre os esportes praticados por estes jovens, só perdendo para o futebol (Dimenstain, 2002).

Apesar de o CEU ter seu nome vinculado ao bairro do Butantã, na realidade, se encontra no distrito vizinho do Rio Pequeno, que por sua vez, é administrado pela subprefeitura do Butantã. É importante salientar esta distinção, pois são regiões que embora sejam próximas, possuem configurações socioeconômicas diferenciadas. De tal modo que, se tomarmos como referencia, por exemplo, a pesquisa realizada pela Fundação Seade, Cedec e Faculdade de medicina da USP sobre os melhores e os piores lugares para os jovens viverem entre os 96 distritos de São Paulo (Korman; Lulie, 2003), o bairro do Butantã ficou com a 19º posição, com um índice de 0,57 (a avaliação varia

entre o mínimo zero, e o máximo um), enquanto que o Rio Pequeno ficou bem atrás, na 55ª posição, com 0,38.

Neste contexto, a região do Rio Pequeno vem sendo alvo de políticas públicas voltadas para juventude. No caso do skate, três pistas foram construídas; uma no CEU Butantã em 2003, e as outras duas nas extremidades da favela do Sapé; uma na praça Wilson de Barros em 2002 (no final da Avenida Rio Pequeno), e a segunda na altura do quilômetro quinze da Rodovia Raposo Tavares, próxima ao Jardim Maria Luiza. A escolha por realizar uma descrição densa no CEU Butantã, ao invés das outras duas pistas, se deve pelo fato de os próprios skatistas, tanto do bairro como de fora, se dirigirem com maior frequência para lá em virtude da melhor qualidade da pista (considerada uma das melhores e mais tradicionais pistas de São Paulo).

A localização da construção do CEU Butantã ocorreu no vale por onde passa o córrego com o sugestivo nome de Águas Podres. Embora tenha sido canalizado no espaço pelo qual atravessa as dependências da instituição, ele retorna à superfície logo após atravessar o portão dos fundos. Isto faz com que esta entrada, ao contrário da principal, possua uma paisagem de maior precariedade. No interior da instituição, a pista encontra-se próxima a entrada dos fundos. Para os skatistas, este portão é um atalho para aqueles que possuem um certo conhecimento da *quebrada*, além de permitir que, para aqueles que vem de carro ou moto, possam estacionar seus veículos próximo a pista. Próxima a esta entrada ainda existe o bar do Seu Zé Luís, inaugurado no mesmo período da abertura do CEU Butantã, que é muito frequentado por skatistas que se dirigem ao bar para tomar uma tubaina ou uma cerveja depois e durante as *sessões*¹. A grande assiduidade de skatistas, em especial dos skatistas *locais*, fez com que o bar fosse batizado de Recanto dos Skatistas, além de passar por transformações estéticas feitas com grafites e *shapes*² em desuso.

Já dentro do CEU, o caminho que leva à pista inicia com uma subida íngreme e toda gramada, na qual, na parte mais rebaixada, encontra-se um pequeno lago. Mais acima, em uma espécie de altiplano, fica localizada a pista, e, acima dela, no topo do morro, existe um campo de terra para prática do futebol. Isto faz com que a *skatepark* esteja fora de um espaço de maior circulação de pessoas, de modo que sua ocupação se restrinja mais aos próprios skatistas (e seus respectivos acompanhantes), além de

¹ Forma como os skatistas designam o ato de andar de skate.

² Prancha de madeira do skate.

³ Nas observações de campo, pude observar que existe uma sazonalidade dos jovens que frequentam o espaço da pista, isto é, de tempos em tempos, alguns são presos ou ficam *pedidos pela justiça*

pequenos agrupamentos de moradores das redondezas que utilizam as imediações da pista como espaço de encontro e para o consumo de substâncias ilícitas³. A presença destes moradores, somado ao estigma negativo que o skate possui frente parte da opinião pública (cf. Brandão; Honorato, 2012), acabou contribuindo para depreciação do espaço da pista por uma parcela de frequentadores e funcionários do CEU como sendo um local de *vagabundos, drogados e criminosos*.

A pista pode ser considerada uma espécie de espaço híbrido, na medida em que mistura no mesmo espaço obstáculos voltados para modalidade *streetstyle*⁴, tal como *caixote, rampa reta, quarter, funbox, corrimão e vulcão*, com um equipamento que se enquadra na categoria *vertical*⁵, que é o *banks*⁶ situado na parte central da pista. Toda sua superfície é revestida de granilite, o que garante uma maior durabilidade do piso (evitando os indesejáveis buracos), além de ser um material que oferece pouco atrito, auxiliando, portanto, tanto no desempenho dos skatistas, como no prolongamento da vida útil do skate (sobretudo do *shape*) que se desgasta menos nesse tipo de piso. O espaço conta ainda com alguns obstáculos improvisados, feitos artesanalmente pelos skatistas *locais*, como *rampas, caixotes e traves*. A improvisação ocorre também, quando os skatistas se apropriam de objetos — que a princípio não têm nenhuma relação direta com o skate (como, por exemplo, latas de lixo e cones de trânsito) — e passam a incorporá-los ao espaço da pista, onde se metamorfoseiam em obstáculos para a prática do skate.

A construção da pista foi idealizada por George Rotatori, que passou de skatista profissional durante a década de 80, para um profissional do skate a partir dos anos 90, através da projeção e construção de pistas em todo Brasil. Sua arquitetura busca acompanhar os novos modelos de pista que vem sendo desenvolvidas no exterior, enfatizando um desenho que privilegie as curvas, de modo que o skatista possa fluir por toda pista sem precisar colocar os pés no chão. Este tipo de arquitetura permite com que o skatista possa *pegar a base*⁷ em diferentes obstáculos, tanto no *street* como no *vertical*, tal como coloca George Rotatori:

³ Nas observações de campo, pude observar que existe uma sazonalidade dos jovens que freqüentam o entorno da pista, isto porque, de tempos em tempos, alguns são presos ou ficam *pedidos pela justiça* (procurados), não podendo mais circular livremente pela rua.

⁴ Do inglês estilo da rua. Modalidade em que o skatista se apropria da arquitetura urbana para a prática do skate.

⁵ Modalidade praticada em grandes rampas existentes no interior de pistas.

⁶ Obstáculo presente em pistas, seu formato é análogo a uma banheira.

⁷ Termo empregado pelos skatistas que se refere à aquisição da técnica de execução de uma manobra e/ou do uso de determinado obstáculo.

Na minha opinião as pistas de hoje devem conter uma coisa integrada: trabalhar um projeto que integre uma *linha* de *banks*, *corner* e que contemple, também, uma área de *street*. Isto faz o skatista *pegar base* no *banks* e, ao mesmo tempo, nos obstáculos de *street* que ficam dentro desse mesmo complexo (...) há alguns exemplos, como os CEUs, essas pistas expressam exatamente esse sentimento de agregar e criar uma situação mista (de *banks* com *street*) (Rotatori, 2006: p. 196).

A diversidade de obstáculos oferece aos skatistas uma ampla variedade de possibilidades, abrindo-lhes um campo maior de criação e construção de trajetórias múltiplas. Isto permite que, portanto, os skatistas não fiquem restritos somente a um ou outro obstáculo, como acontece em determinadas pistas, idealizadas a partir desta segmentação entre as categorias. Logo, a arquitetura da *skatepark* do CEU Butantã acaba exercendo uma força centrífuga de modo a atrair skatistas de diferentes pontos da região metropolitana de São Paulo para este espaço, especialmente pela presença do *banks*, que promove dentro do universo do skate uma espécie de sub-circuito, formado a partir da existência deste equipamento em determinadas pistas espalhadas pelo Estado de São Paulo (Olic, 2008).

Formas arborescentes de territorialidade

Antes de começar discutir como são construídas as relações de propriedade e filiação com a pista, é importante destacar a distinção feita pelos próprios skatistas entre *picos* e *skatepark*. O *pico* é a maneira como os skatistas denominam locais da arquitetura urbana usados para andar de skate. Um determinado espaço se transforma em um *pico* quando o skatista promove um movimento de apropriação do espaço em que são produzidos novos sentidos à arquitetura urbana, de acordo com o uso que é feito dela. Logo, o *pico* pode ser entendido como a expressão do encontro entre o skatista e a arquitetura urbana, que poderá se efetuar ora de modo mais estável – através da ocupação de locais de conhecimento público dos skatistas (já frequentados), como, por exemplo, o Vale do Anhangabaú -, ora de maneira improvisada e efêmera, na medida em que ao skatista se deslocar pela cidade, pode se deparar com um equipamento urbano propício para prática de skate, mas que ainda não foi descoberto por seus adeptos e/ou sua ocupação mais estável não é tolerada pelos proprietários do espaço, sejam eles autoridades públicas ou privadas.

A *skatepark*, por sua vez, ao invés de produzir formas de apropriação, leva o skatista a elaborar uma relação territorial de outra natureza, pautada na propriedade do espaço. Ou seja, ele passa a construir uma relação de direito e posse, tendo em vista que as diferentes pistas que vêm sendo construídas, em sua maioria pelo poder público, visam atender a demanda específica da prática de skate. Na pista, portanto, o skatista tende a construir uma relação espacial de outra natureza, não mais fruto do movimento de apropriação da arquitetura urbana, e sim de formas enraizadas de propriedade, baseada em relações de pertencimento e filiação a este equipamento.

No decorrer do trabalho de campo no CEU Butantã, puderam ser observadas duas formas diferenciadas de materialização desta relação arraigada dos skatistas com a pista. No primeiro caso, as segmentações ocorrem entre os próprios skatistas, por meio da formação de *localismos*, isto é, um grupo de skatistas, geralmente moradores do bairro em que a pista está localizada, constrói para si uma relação de pertencimento e posse do espaço (filiação). Já no segundo caso, a segmentação acontece contra a incursão de corpos que não o skatista na *skatepark*. São eles; *rollers* (adeptos da prática de patins *in-line*), *bikers* (jovens que utilizam a bicicleta de modo radical) e crianças, sobretudo as que frequentam a escola neste CEU. Em ambos os casos, a presença da diferença, dos elementos que possibilitam a abertura do espaço à pluralidade, são colocadas em risco pelo princípio territorial da propriedade.

No caso das matilhas de crianças, a apropriação acontece por meio de uma desterritorialização dos diferentes obstáculos presentes na pista. Esta forma de utilização do espaço por parte das crianças, não é bem recebida pelos seus usuários habituais, os skatistas. Quando a pista se encontra cheia, as crianças restringem-se apenas a observar o desempenho dos skatistas e, em alguns casos, conseguem dar uma volta com algum skate emprestado, dada a condição não atrapalhar outros skatistas. Isto quer dizer que a participação no espaço é condicionada a sua adequação aos códigos construídos pelo skatistas. Em caso de não cumprimento destas normas, que pode, inclusive, colocar em risco a sua integridade física em decorrência de um eventual choque, o skate é pego de volta e a criança volta a ser apenas uma observadora passiva. Isto porque, o “código maior” da pista é o skatista. Por outro lado, quando a pista está mais vazia, surge a possibilidade da utilização do espaço por parte das crianças. Geralmente, esta situação ocorre durante a semana no período matutino, em que, muitas vezes, a pista é utilizada como espaço de recreação para os alunos do ciclo básico I, que compreende da primeira

até a quarta série do ensino fundamental que funciona nas dependências do CEU Butantã.

A relação entre skatistas e *rollers*, por sua vez, acontece por um processo de mundos que se tocam, mas não se penetram, ou seja, embora ambos pertençam ao universo dos esportes radicais, e o skate em seus primórdios tenha usado as peças do patins para sua fabricação, os skatistas, em sua maioria, não aceitam compartilhar o espaço da pista com *rollers*. São poucas às vezes em que os *rollers* se aventuraram a usar a pista, e, quando isto acontece é bem no início da manhã, pois é um horário em que praticamente não há skatistas no local. No entanto, conforme um número maior de skatistas chega, aos poucos, os *rollers* vão embora, e os que resolvem permanecer, geralmente são boicotados por parte dos skatistas, que desferem intimidações por meio de agressões verbais (“sai da frente *vacilão!*”), ou por ações que colocam a sua própria integridade física em perigo, tal como choques propositais quando um *roller atravessa a linha*⁸ dos skatistas. Esta relação de conflito não é uma atitude recente, ela data dos anos 80, período em que o skate buscou se afirmar simbolicamente como uma prática *marginal, autêntica e underground*. Era o período do *skate-punk*, como mostra a pesquisa sobre a história do skate realizada por Leonardo Brandão:

(...) a atmosfera do espírito punk, expressa pelas atitudes de independência, transgressão e rebeldia, fez parte, de modo talvez inconsciente, das formas de apropriação do espaço urbano pelos skatistas (...) houve uma influência da atitude transgressora do punk na forma como os skatistas passaram a se apropriar da cidade (Brandão: 2011, p. 113 - 114).

Os skatistas do período viam no patins uma antítese do skate, como uma prática *da moda e sem autenticidade*. Segundo o skatista Alexandre “o skate nunca se *bicou* com o patins”, já Fabio Bolota, que viveu a época como skatista, registrou da seguinte forma a relação do patins com o skate:

O skate voltava a sua origem *underground*. A invasão dos *roller* assombrava o mundo com suas *franguices* totalmente fashion (...) gritos fora *roller!* Chegavam a ser estampadas em camisetas (Bolota, in: Britto, 2000: p. 31).

⁸ *Linha* é o conjunto de manobras realizado em seqüência pelo skatista. *Atravessar a linha* significa atrapalhar o skatista na execução de suas manobras.

Neste mesmo sentido, Cecília Gonçalves assim descreveu o comportamento de um grupo de skatistas dos anos 80 *locais* do Parque do Ibirapuera, conhecidos como *Ibira Country Boys*:

Eram um *clã* fechado, outsider. Além de não terem muitos amigos no *vertical*, não trocavam ideias com os surfistas, declararam guerra aos *rollers*, e só não se injuriavam com os *bikers* (Gonçalves, in: Britto, 2000: p. 92).

Esta disputa se manifestou também nos anos 90, pois neste período o patins passou a ter um grande número de adeptos em decorrência do desenvolvimento de um novo modelo de seu equipamento, denominado de *in-line*, cujo design apresentava uma inovação, que perdura até os dias de hoje, em que as quatro rodas passaram a ficar alinhadas sob apenas um eixo, facilitando assim a execução das manobras e viabilizando o seu uso em pistas de skate. Logo, as poucas pistas existentes na época em São Paulo, tal como a *Prestige* e a *Z/N skatepark* (ambas particulares, localizadas na Vila Leopoldina e no Imirim, respectivamente), passaram a ser dividida entre skatistas e *rollers*. Estes locais acabaram se tornando palco de disputa territorial, em que grande parte dos skatistas, por considerarem este espaço como sendo seu por direito, além de não respeitarem, não admitiam dividir o espaço com *rollers*. Assim, era comum que os skatistas *atropelassem* os *rollers* que passassem por seu caminho, e/ou fossem intimidados a não utilizar o espaço. Este movimento que leva a construção de fronteiras no espaço também fora observada por Ricardo Uvinha em seu estudo de campo nas pistas públicas de São Bernardo e São Caetano (na região metropolitana de São Paulo), em que identificou imagens grafitadas que remetiam a interdição da pista aos *rollers*:

Em meio aos grafites, quase sempre presentes, destaca-se uma, em São Bernardo, que faz referencia a um par de patins coberto por um X em vermelho, com a palavra *frangos*. Tal desenho é alusivo a proibição, pelos skatistas, de patins no local, e propositalmente colocado para intimidar os *rollers* (Uvinha, 2001: p. 53).

Mais do que afastar os *rollers* de seus territórios, os skatistas passam a nomeá-los por meio de classificações que visam delimitar as fronteiras entre as duas manifestações. Como Anselm Strauss (1999: p. 37) afirma, estas rotulações têm o intuito de dizer algo não apenas de alguém que recebe a designação, mas também de quem nomeia. Nesta perspectiva, ao invés de “praticar a diferença”, os skatistas passam a marcar sua

diferença com relação aos *rollers* por meio de signos/símbolos que representam formas de segmentações binárias. Ou seja, por meio de processos produtores de dicotomias e oposições, os skatistas erguem barreiras simbólicas que levam a um distanciamento semântico dos valores atribuídos às duas manifestações. Dito de outra forma, na medida em que parte dos skatistas estereotipa os *rollers* com adjetivos referentes à sua prática como sendo *viadagem* e *franguices*, ou ainda relacionam o patins a *moda*, isto é, como uma prática *sem autenticidade*, eles acabam, em contrapartida, por se auto-definir, por meio da depreciação do outro, como uma prática *viril* e *autêntica*. O significado de um é o inverso do outro. Desta maneira as fronteiras simbólicas edificam-se por segmentações binárias como passivo (patins) e ativo (skate), feminino (patins) e masculino (skate), moda/superficial (patins) e autêntico (skate). Esta polarização cria um distanciamento e inviabiliza possíveis trocas e interações entre as duas manifestações.

Esta forma de fronteira simbólica erguida pelos skatistas em relação aos *rollers*, não se aplica ao terceiro corpo estranho que por vezes busca usar a pista, os *bikers*. Isto porque, dentro do processo de diferenciação construído pelos skatistas, pautado nas formas de segmentação binária, os *bikers* são identificados como uma espécie de prática irmã do skate, ou seja, como uma prática que possui diferenciações análogas aos dos skatistas. Na descrição do comportamento dos *Ibira Country Boys*, Cecília Gonçalves ressalta que os *bikers* eram a única prática tolerada por estes *locais* do Parque do Ibirapuera. No entanto, mesmo não existindo empecilhos simbólicos que obstruam o uso da pista por parte dos *bikers*, sua presença não é bem aceita pelos proprietários do espaço. Segundo os skatistas, as *linhas* dos *bikers* se chocam com as *linhas* skatistas, atrapalham a dinâmica da *sessão*:

“Lá no CEU do Campo Limpo tem que *cola* bem de manhãzinha (...) depois das dez horas começa *colar* os cara de *bike*. Aí é embaçado. É *dois palito* para trombar com os caras, e tromba com *bike* é *osso tio*, a gente leva a pior” (Miguel).

O skatista e redator da revista *Cemporcento Skate*, Rodrigo K-b-ça, assim relatou o encontro que teve com um *biker* durante uma *sessão* em uma pista na Espanha:

“Fui andar com meu amigo Jan numa pista recém inaugurada. Bom, como toda pista nova, estava cheio de crianças, *bikers*, *rollers*. Numa das vezes que fui *dropar o banks*, quando me preparava para subir a outra transição, dei de cara com um *biker* sem a mínima

noção de que fazia. Resultado, choque iminente. O tal *biker* me xingou porque sua bicicleta não tinha freio. Não pensei duas vezes e joguei a bicicleta dele para longe, para não jogar o próprio (...)" (Rodrigo K-b-ça)⁹.

Um segundo fator de crítica dos skatistas à presença de *bikers*, diz respeito aos estragos provocados pelas bicicletas na estrutura do espaço, especialmente nas bordas, conhecidas também como *coopings* (estrutura metálica redonda onde o skatista executa manobras de deslize). As bicicletas provocam mais atrito e menos deslize que o skate:

"Eu acho que não deveriam liberar bicicleta em pista de skate, elas estragam o *cooping* (...) não tenho nada contra os *bikers*, mas só que eles poderiam andar em pista para *bike*, que tem *cooping* quadrado e achatado. Senão *zoa* a pista, atrasa o nosso lado" (Eduardo).

Logo, se os skatistas buscam na relação com os *rollers* transformar a pista em barreira, além de dissociar a imagem das duas práticas, no caso dos *bikers*, existe maior intersecção e tolerância entre as duas atividades, sendo que, inclusive, em alguns locais, como é o caso do CEU Campo Limpo, a presença dos *bikers* pode ser tolerada. Entretanto, em outras pistas a sua presença é criticada ou vetada em decorrência da conservação dos obstáculos e da dinâmica conflituosa produzidas no uso compartilhado com os skatistas. Independente da situação, os skatistas impreterivelmente se posicionam como proprietários da pista, como um espaço de conquista dos skatistas, como afirmam Rodrigo K-b-ça e Alexandre, respectivamente:

"(...) nada contra *bikers*, ou o que seja. Cada um se divirta como queira, mas, se você está em uma *skatepark*, pelo menos respeite os 'verdadeiros' beneficiados pela construção e, que geralmente faz alguma coisa para que aquilo se torne real, pois, em geral, essa galera sempre se dá bem por conta da nossa luta!"

"O nome já diz: Pista de skate! Não sei os que esses caras (*rollers* e *bikers*) vêm *caçar assunto*. Quer andar em pista faz seus *corre* (...) depois que está tudo pronto, que os skatistas correram atrás, os cara querem vir aproveitar!"

Esta postura, portanto, aponta para uma situação de certo modo ambígua por parte dos skatistas, pois quando se apropriam de equipamentos da cidade, públicos ou privados, transformando-os em *picos skatáveis* subvertem a organização do espaço.

⁹ www.cemporcentoskate.com.br/blog/rodrigok-b-ça. Acessado em 03 de novembro de 2009.

Contudo, quando os skatistas passam a exercer o papel proprietários e agentes organizadores da pista (passam a ser o “código maior”), aqueles que se aventuram a se apropriar deste espaço, subvertendo assim a organização praticada pelos skatistas, acabam sendo, na maioria das vezes, expulsos por ser um corpo estranho no espaço. Fato análogo ao que acontece com os skatistas nos *picos* da cidade.

Aqui o *localismo* prevalece

Para quem chegar no CEU Butantã e reparar em um dos obstáculos na extremidade da pista, irá notar uma *pixação* com a seguinte frase: *Aqui o localismo prevalece*. Mais abaixo, em outra *pixação* lê-se: *Butanclan*. Estas duas grafias são o primeiro passo para se compreender como que agrupamentos de skatistas podem produzir formas diferenciadas de pertencimento e posse em relação a outros skatistas que atravessam este espaço. No entanto, como veremos estas formas mais densas de sociabilidade geradoras de *localismos* na pista, não indicam somente para uma relação de filiação e posse, mas também para um sistema de reciprocidade que abre estes pontos enraizados às alianças que, por sua vez, viabiliza o fluxo de skatistas e seus respectivos agrupamentos, por diferentes *localidades* da cidade.

A presença de um espaço físico destinado exclusivamente para prática do skate produz o efeito de os skatistas, na dimensão do bairro, passarem a se reunir em torno deste ponto gravitacional, e a partir dele são construídas formas coletivas de pertencimento por meio de uma relação de proximidade e assiduidade com a pista. Entre os skatistas, esta relação de um maior enraizamento espacial é conhecida como *localismo*:

“Todas as pistas tem seus *locais*. Em umas este *localismo* é mais forte, os skatistas são mais folgados. Em outras ele é mais sossegado, os skatistas são mais *de boa*, mais *humilde*” (Danilo).

“Cada pista tem seus *locais*, *tá ligado?* Pega essa pista como exemplo, de manhã é até *de boa*, não tem muito *localismo*, mas à tarde, *vixe*, se marca você nem anda (...) os caras da área dominam, *colam* em peso para cá” (Miguel).

O *localismo* a que Miguel se refere é constituído, basicamente, por skatistas que residem nas imediações do CEU Butantã e/ou que frequentam a pista cotidianamente, de modo que criaram vínculos mais densos tanto com o espaço como entre os skatistas que estão ali para sua *sessão* diária. Esta forma de agrupamento mais denso, que parte dos

skatistas chama de *crew* (terminologia utilizada originalmente pelos membros da cultura *hip-hop*, e que significa bando, turma), na pista do CEU Butantã é conhecida como *Butanclan*. Segundo seus integrantes, esta forma de filiação teve origem a partir da construção da pista do CEU, que fez com que, inclusive, seu nome fosse inspirado na mistura entre o território (a pista no bairro do Butantã), e a designação clã (ou *clan*) que remete a ideia de família e de pertencimento.

A ideia de formas mais densas de sociabilidade na esfera do bairro foi elaborada por Magnani (2002) por meio do conceito de pedaço. Segundo o autor, esta categoria é caracterizada, por um lado, pela ordem espacial do bairro: os membros em geral são colegas de rua, com quem se têm uma maior familiaridade por ocuparem espaços mais próximos às suas residências, o que dá uma maior uniformidade ao coletivo. Por outro lado, o pedaço possui uma segunda e determinante característica que são as redes de relações que se tecem entre seus integrantes, de maneira que possam compartilhar códigos de pertencimento, por meio de laços de identificação presentes em determinado estilo de vida. No caso da presente pesquisa, o *localismo* se apresenta como uma espécie de variação do conceito de pedaço. Isto porque, o princípio territorial do *localismo* faz que a dimensão espacial ganhe importância, e se torne um elemento fundamental na experiência e na construção societária destas coletividades. Este peso territorial que a pista exerce, expresso como um ponto gravitacional que aglutina skatistas de toda região e, em menor intensidade, de fora do bairro, acaba provocando também o agrupamento mais homogêneo do que Marcos Alvito (2000) chamou de micro-pedaços. Ou seja, se anteriormente existiam diferentes nódulos de skatistas diluídos pelo espaço mais amplo do bairro, com a existência de um ponto gravitacional (a pista), estes microgrupos tendem a construir formas de filiação em um mesmo local.

Pôde-se observar no decorrer da pesquisa que nem todos skatistas considerados *locais* são do bairro, alguns residem longe da pista, mas por estarem praticamente todos os dias ali junto com seus pares, acabam se considerando e passam a serem reconhecidos como membros do *Butanclan*. A quantidade de skatistas e a falta de rigidez sobre quem são os seus integrantes, permitem que esta *localidade* tenha uma forte denotação espacial, ou seja, mais do que um coletivo solidamente formado, o *Butanclan* remete a uma dimensão territorial reconhecida por skatistas de outros pontos da cidade. Muitos skatistas quando se dirigem para esta pista, se referem da seguinte forma; “Vou para o *Butanclan*”. Neste sentido, o que faz um skatista *local* é, sobretudo, a forma como ele

incorpora a pista a seu corpo, não apenas na concepção de sua prática esportiva, mas também enquanto forma de filiação a um determinado território.

Em 2009 seus integrantes construíram uma página na Internet, em que constam como parte do *clan* os skatistas: Jairjunkie, Gian Naccarato, Fé, Brunão, Zokreta, Guillis, Cara Preta, Dabah, Diogo, Carlos Punk, Indião, Bob, Maizeninha, Felipe Mola, Wilson Nebão, Érica Maradona, Mario Neto, Marcos ET, Mullet, Tomé, Sapo, Jão, Ricardo Gude, André Porto, Bruno Pomba, André, Fabinho e Seu Luís — dono do bar Recanto dos Skatistas e, mesmo não sendo skatista, é considerado um dos fundadores do *Butanclan*. A fama que Seu Luís possui decorre da forma como ele soube absorver e interagir com o público de skatista, que segundo ele, corresponde à cerca de 90% de sua clientela. O Recanto dos Skatistas tornou-se um espaço de convivência dos skatistas, em especial dos *locais* que se dirigem para o bar todo dia, seja durante ou após a *sessão*, com o intuito de se embriagar, trocar ideias ou tomar um caldo de feijão. Embora a temática principal esteja ligada ao universo do skate, em que uma espécie de micro mídia (Almeida; Tracy, 2003) se forma em torno de informações sobre *picos* para andar, locais para aquisição de peças e acessórios, lançamentos de vídeos de skate, realização de campeonatos e técnicas para execução de manobras, outros assuntos são também abordados nas rodas de conversa, tal como música, baladas, mulheres, trabalho (*trampo*) e estudo. Apesar de ser frequentado por diferentes skatistas que passam pela pista, o bar acabou transformando-se em uma extensão territorial de convivência dos integrantes do *Butanclan*. O prestígio que o bar adquiriu no meio do skate, pôde ser notado com a repercussão do falecimento de Seu Luís em 2009, em que diferentes mídias do skate divulgaram notas lamentando sua perda para o skate.

Do ponto de vista etário, os integrantes do *Butanclan* possuem uma heterogeneidade de idades, que variam dos 15 até aproximadamente os 40 anos. Os skatistas mais antigos, conhecidos também como *old schools*, geralmente, exercem um papel de status e prestígio frente aos novos integrantes do *local*. São aqueles que detêm as histórias antigas do skate no bairro e fora dele, ou seja, são aqueles que *representaram* o skate quando a maioria dos atuais skatistas nem pensavam em andar de skate, em um período em que quase não havia *skateparks* em São Paulo:

“Tem os cara que são *firmeza*, dão um *rolê* de skate a *mile ano*, quando nem tinha pista, improvisavam uns obstáculos lá na Avenida Politécnica (...) os caras andavam na raça” (Felipe, 17 anos).

O prestígio que estes skatistas mais antigos possuem decorre do respeito e valorização que existe no meio do skate frente aos *old schools*. Segundo a alegação de alguns skatistas com os quais conversei sobre o assunto, as condições favoráveis que existem atualmente no skate são atribuídas à persistência deles em um período em que não existia qualquer tipo de incentivo para sua prática:

“Essas pistas que tem hoje em dia aí, a molecada tem que agradecer pra gente que é das antiga, *tá ligado*? Se não fossemos nós não existiria nada disso, os moleques iram estar ralando no asfalto” (Pedrão, 38 anos).

O prestígio que alguns skatistas possuem, seja pelo tempo de prática, seja por sua habilidade — que rende a admiração de seus companheiros pela plasticidade de seu movimento —, não implica, contudo, que tenham algum tipo de favorecimento frente aos outros skatistas. Isto porque, mais do que uma posição hierárquica de liderança ou chefia, o prestígio dos *old school* deve estar sempre sendo atualizada a partir de uma postura durante as *sessões* que denote *humildade* e *igualdade*, isto é, ele não deve se aproveitar do seu status para ter vantagens frente aos demais praticantes, como, por exemplo, *atravessar* outras *linhas* para realizar suas manobras. A posição dos *old schools*, portanto, parafraseando Pierre Clastres (2003), é a do “dever da prática”, ou seja, cabe no decorrer das *sessões* aos skatistas mais experientes orientarem os mais jovens de como se deve agir na pista para que este espaço não se torne palco de conflitos entre skatistas, de modo que as *localidades* se fechem às possíveis alianças que permitem o fluxo de skatistas pela cidade.

Nesta perspectiva, a assimilação do discurso prático é rigorosamente obrigatória, pois possibilita durante as *sessões* a aprendizagem com os mais experientes o uso coletivo da pista. Esta postura, inclusive, não se restringe apenas àqueles que se identificam como pertencente à determinada *localidade*, e sim a todos que atravessam este equipamento. Este tipo de situação é comum em pistas, como aconteceu com skatista Rodrigo (13 anos) no CEU Butantã; no início, ao chegar à pista, o jovem andava de modo *humilde*, sem *atravessar* e sem se colocar acima dos outros, contudo, conforme foi aumentando sua *base* no skate, assim como adquiriu uma maior intimidade com a pista e os *locais*, passou a perder a *humildade*, conforme o relato de skatistas experientes. Como resposta, muitos *old schools* passaram a *cortar ideia* e não *dar muita brecha* para Rodrigo como sinal de desaprovação à sua conduta e, ao mesmo tempo, estratégia para restabelecer a *humildade*

no jovem, pois para o skatista Diogo, Rodrigo estava se deixando levar só por estar acertando algumas manobras de maior dificuldade.

Mais do que uma relação de “pastor e rebanho” dos skatistas mais experientes frente aos mais jovens, no sentido de cooptação dos últimos a uma determinada *localidade*, a atitude pregada no discurso prático, remete a uma atitude que extrapola os limites do mundo do skate, ou seja, o skatista para ser considerado pelos seus pares deve adquirir um *proceder* que o prepara não só para compartilhar o uso da pista, mas como também o prepara para lidar com situações inerentes a rua e a vida nos centros urbanos, como diz o skatista Rafael: “O skate me ensinou as regras da rua. Hoje em dia eu posso ir pra qualquer lugar que eu sei *desenrolar* a situação, não passo *perreiro*”. Deste modo, pôde-se observar a existência de um *proceder* entre os skatistas enquanto uma força ética voluntária, mas ao mesmo tempo obrigatória para aqueles que querem ser respeitados por seus pares, e que, por sua vez, está conectada a um conjunto de práticas mais amplas construídas na cidade, em especial nas periferias e em instituições de privação de liberdade (Biondi, 2010; Hirata, 2006; Marques, 2009; Pereira, 2005), pois como aponta Daniel Hirata:

O ‘procedê’ parecer ser um saber construído na vida urbana. Um conjunto de práticas que envolvem um conhecimento sobre como ‘sobreviver na adversidade’. São práticas que concernem o modo como se processam os negócios ilícitos. Mas que também circundam o que perueiros, comerciantes locais, camelôs e trabalhadores fazem para se ‘virar’ no mundo. (2006: p. 277).

Portanto, a existência do *proceder* na relação entre skatistas permite enxergar pistas e *picos* como possíveis espaços de conexão entre o universo do skate e outras manifestações que “sobrevivem na adversidade”, onde, inclusive, práticas ilícitas e ilegais podem coabitar estes espaços, e, caso necessário, são acionadas pelos skatistas *locais* como forma de zelar pelo *proceder* na pista e na *quebrada*¹⁰.

¹⁰ Um evento ocorrido no CEU Butantã ilustra esta situação: um skatista que já há muito tempo frequentava a pista, passou a furtar bens de outros skatista para comprar drogas em uma *biqueira* próxima ao CEU. Cientes do ocorrido, skatistas *locais* acionaram os *chegados que estão na correria* para aplicar as *consequências*. Resultado, além de apanhar, o skatista foi proibido de circular pelo bairro, em especial na *biqueira*, e teve sua moto apreendida pelo *movimento*.

Entre o *Yeah!* e o *tesourar*: reciprocidade em deslize

A presença física dos *locais* na pista acontece de modo mais acentuado no período da tarde/noite, já que seus integrantes têm o hábito de se dirigir para a pista somente a partir deste horário. Contudo, o *localismo* é percebido mesmo sem a presença dos membros do *Butanclan*. Isto porque a inscrição no canto da pista com a frase *aqui o localismo prevalece* indica aos skatistas mais desavisados, que ele está atravessando um território que possui uma *localidade*, e que, portanto, sua postura deve ser de respeito e *humildade*. A ideia de *humildade* aqui utilizada é a mesma usada por Alexandre Pereira em sua pesquisa sobre os *pixadores* em São Paulo, em que “ser *humilde* significa estar aberto a relações de troca, não se expressar com arrogância e não adotar uma postura de superioridade” (Pereira, 2005: p. 69). Karina Biondi (2010) em sua pesquisa sobre o Primeiro Comando da Capital também destaca a importância da *humildade* na relação entre os presos. Segundo a autora, além de remeter a noção de igualdade,

A *humildade* é considerada ao mesmo tempo característica, habilidade, postura e atitude que todo *irmão* deve ter. Entretanto, não se confunde com fraqueza, pois, se ele não é mais do que o outro, também não é inferior; sua ‘cabulosidade’ está em não se deixar oprimir, está em manter sua posição de igual (2010: p. 101).

Deste modo, a ideia de *humildade* é um importante caminho para entender como skatistas de diferentes *localidades* se relacionam para utilizar coletivamente a pista sem que haja possíveis confrontos. As *tretas* podem acontecer, pois o skatista ao se espriar por diferentes pista e *picos*, ao seu modo, também é detentor desta “cabulosidade” à qual Karina Biondi se refere. Isto porque, na medida em que o skatista se coloca na situação de risco ao se projetar fora de seu território, se apropriando de equipamento urbanos e ocupando outras *localidades*, ele estará sendo “cabuloso” por não se deixar intimidar e por ser o senhor de si mesmo de suas ações (Marques; apud Biondi, 2010: p. 101). No mundo do skate, esta “cabulosidade” é identificada através do predicado *folgado* e *maloqueiro* que caracteriza o modo de ser skatista, usado não em sua dimensão pejorativa, e sim como uma postura ativa de se colocar á deriva na pista e na cidade ¹¹.

¹¹ No universo do skate, este tipo de comportamento ganhou força no início dos anos 80 quando os skatistas, influenciados pelo lema punk do “faça você mesmo”, passaram a se apropriar da cidade para prática do skate (Brandão, 2011; Britto, 2000). Nos anos 90, os skatistas passaram a agir de acordo com a concepção de “atitude” presente no universo do hip-hop. Estas duas ideias, do “faça você mesmo” e do

Neste contexto, é importante observar que a construção de pistas de skate em diferentes bairros da Grande São Paulo tem estimulado skatistas a se deslocarem através da cidade para a prática de skate. Com isso, os *locais* passaram a conviver dentro de seu próprio território com seu outro-afim, isto é, skatistas oriundos de outros bairros passaram a coabitar seu espaço. Os encontros entre skatistas de diferentes *localidades* sempre aconteceram, mas antes se restringiam ou às poucas pistas que existiam na Grande São Paulo (Z/N *skatepark*, Prestige, pistas públicas da Saúde, São Bernardo e São Caetano) onde o *localismo* já era presente, a *picos* mais centrais de São Paulo, como é o caso do Vale do Anhangabaú, da Praça Roosevelt, Praça Charles Miller, Museu do Ipiranga e do Parque do Ibirapuera. No caso dos *picos*, por estarem localizados em regiões mais centrais, existe a maior possibilidade de circulação de estranhos pelo espaço, visto que estas regiões têm como característica justamente o anonimato e a impessoalidade. Segundo o antropólogo Nestor Perlongher em sua pesquisa sobre a prostituição viril em São Paulo, o centro se caracteriza como lugar “privilegiado de intercâmbios, ponto de saturação semiológica, é também o local da aventura, do acaso, da extravagância, das fugas. Fluxos de populações, fluxos de desejo” (2008: p. 70).

O mesmo não acontece com as pistas, pois, geralmente, estão localizadas em bairros mais distantes do centro (nas *quebradas*) onde as relações são construídas com base no pertencimento e no conhecimento (Magnani, 2002), ou seja, as relações perdem em fluidez, mas ganham em densidade. Neste espaço, o estrangeiro e o desconhecido são vistos com maior desconfiança pelos habitantes do local. As *quebradas* são ainda identificadas como territorialidades periféricas de maior violência e precariedade social, de modo que a incursão a estes espaços seja tomada como mais arriscada. Ao questionar dois skatistas, estudantes da USP que estavam fazendo sua *sessão* no interior da instituição (na Praça do Relógio), a respeito se já haviam frequentado a pista do CEU Butantã, eles disseram que nunca tinham ido até lá por achar um local perigoso, espaço de *maloqueiros*.

Neste sentido, se por um lado as pistas localizadas em regiões mais periféricas da cidade geram uma espécie de receio em alguns skatistas, como é o caso dos dois estudantes da USP, por outro lado, a princípio, segundo os *locais*, os skatistas de fora da *quebrada* não sofrem qualquer tipo de impedimento de coabitar a pista (podem *colar de boa*), mesmo que não conheçam previamente os integrantes do *Butanclan*. Isto se deve

“ter atitude”, podem ser consideradas formas embrionárias na construção nativa de noções como *proceder*, *humildade* e *cabulosidade*.

pela afinidade potencial (gosto comum pela prática do skate) que permite fazer do outro o seu afim. Desta afinidade nasce todo um sistema de alianças - reciprocidade que garante o uso coletivo da pista por skatistas de diferentes *localidades*. Este princípio de afinidade enquanto elemento que viabiliza a coexistência de formas de socialidade - reconhecimento e sociabilidade - conhecimento acena para dois movimentos diferenciados. O primeiro indica para a construção de regras imanentes na pista, erguidas sob uma espécie de ordem cooperativa informal (Wacquant, 2002: p. 106) que viabiliza a *sessão* de diferentes skatistas e *localidades* em um mesmo espaço. O segundo movimento produz alianças que transcendem o espaço da pista por meio da construção de uma relação de troca - reciprocidade, que consiste, basicamente, na postura adotada pelos skatistas *locais* de aceitarem que outras *crews* utilizem seu território para andar de skate. Em contrapartida, quando estes mesmos skatistas *locais* se projetarem para fora de seu bairro, em direção ao território do outro afim, também poderão utilizar a pista sem que sofram qualquer tipo de constrangimento (desde de que hajam com *humildade*).

No que diz respeito às alianças que remete as regras imanentes na pista, tornar-se-á necessário entender como diferentes skatistas, em densidades variadas, interagem em um mesmo espaço por meio de normas que são produzidas e reproduzidas, via de regra, por seus próprios praticantes independente da pista ou *pico*. Com exceção feita a poucas pistas que impõem institucionalmente algum tipo de norma a seus praticantes, como por exemplo, a obrigatoriedade do uso de equipamentos de segurança, ou a divisão de horário do uso da pista por faixa etária e gênero (como é o caso de São Bernardo do Campo), no restante não existe nenhuma regra institucional que determine a forma pelos qual os skatistas devam se comportar no espaço. Todavia, isto não quer dizer que não existam agenciamentos que balizem a convivência durante a prática do skate, de modo a evitar com que aconteçam acidentes e atritos entre seus praticantes. Estas normas, sem autoria e praticadas onde quer que haja um adensamento de skatistas visam garantir, a priori, que os *picos skatáveis* não se tornem alvo de disputas e conflitos entre os próprios skatistas, inviabilizando assim que o outro se torne seu afim. Estes agenciamentos têm como objetivo também produzir uma organização informal, que evite constantes choques e batidas entre os skatistas, que, por sua vez, podem por em risco a integridade física dos seus praticantes:

“Quando você tá dando um *rolê* na pista não dá pra ficar *panguando*, de *tôca*, tá ligado? *Tipo*, tem uns lugares que se você ficar *marcando* negô te *atropela* (...) você atrapalha a *sessão* do cara, e ainda é capaz de se machucar. Para andar em pista, tem que estar esperto” (Leandro).

Independente da modalidade, algum tipo de regra específica é criada para viabilizar que diversos skatistas possam utilizar a pista ao mesmo tempo. No caso da modalidade *streetstyle*, por exemplo, devido à presença de diferentes obstáculos em um mesmo local, sua ocupação ocorre de forma mais desordenada, na medida em que múltiplos corpos usam o espaço sem aparentemente nenhuma ordem, como mostra o trecho de meu diário de campo abaixo:

(...) uma visão panorâmica de uma pista nos dias em que ela se encontra cheia, a primeira vista, especialmente para os leigos, passa a impressão de uma grande confusão. Ao contrário de uma pista de automobilismo, por exemplo, em que existe um ponto de partida e um de chegada, ou mesmo de uma piscina, que possui raias para separa os nadadores, na *skatepark* não existe começo nem final: para o skatista estes pontos não são dados de antemão, eles são relacionais, são construídos de acordo com a *linha* a ser feita, com a manobra a ser realizada.

Com a velocidade de seus skates, devidamente incorporados aos seus pés, os skatistas cartografam suas *linhas* na pista arrebatando pontos e produzindo múltiplos trajetos. *Linhas* que surgem e desaparecem, que a todo instante são feitas, refeitas e reelaboradas; possuidoras de durações efêmeras, afirmam a vida à beira do abismo, do risco da quebra do corpo, do mau encontro (...) *linhas* que não se filiam, apenas se aliam, traçam no conjunto de seus itinerários uma rede - pista, cujo começo e término são transitórios, não duram mais do que o instante entre o descanso pela manobra realizada, e a primeira *remada* da *linha* a ser desenhada.

No entanto, para as *linhas* não se tornarem ponto, deve o skate jamais se enraizar e obstruir a passagem dos outros, interrompe-se o movimento. O ponto estria a *linha*. Cuidado o skatista deve ter também para não se chocar com outras *linhas*, sob o perigo da quebra do corpo; as alianças estão no campo da imagem e das intensidades, e não propriamente no choque e na batida (...).

Diário de campo: setembro 2008.

Logo, dentro de um universo onde a velocidade é a regra, *prego* é aquele que pela pouca *base* em cima do skate acaba mais se fixando (fica *pregado*) ao invés de deslizar no espaço, de modo que, sua presença pode criar pontos de atrito que atrapalhe a *sessão* dos demais skatistas, interrompe-se o fluxo das *linhas*. Na categoria *vertical*, por sua vez, pelo

fato de toda ação acontecer em torno de apenas um obstáculo, como, por exemplo, o *half-pipe* ou o *banks*, os skatistas devem produzir uma maior coordenação em torno de sua prática, de maneira que seja garantido que apenas um skatista ocupe o obstáculo de cada vez para realização de sua *linha*. No entanto, esta prática (que visa uma maior segurança), não produz necessariamente possíveis movimentos de distanciamento e individualismo na pista. Enquanto aguardam a sua vez, é comum ocorrerem interações entre os skatistas que também estão ali esperando, trocam informações sobre assuntos variados, além de serem espectadores daquele que está realizando no momento sua *linha*. Constitui-se uma relação recíproca de sujeito-observador e sujeito-observado, já que quando estiver em ação, deixará de observar, e passará a ser observado.

Estes agenciamentos de uso coletivo do espaço tendem a sofrer modulações de acordo com a necessidade com a qual as regras devem ser empregadas, em especial no que diz respeito à quantidade de skatistas presentes no local. Quando a pista está vazia, a *sessão* dos que ali estiverem não necessita obedecer de forma tão rigorosa os agenciamentos que visam garantir uma maior fruição dos skatistas. Isto porque, a *sessão* poderá ocorrer sem grandes interferências de outros corpos, tornando mais fácil evitar as indesejáveis trombadas:

“Quando eu vinha andar à tarde (na pista do CEU Butantã) era ruim por causa do *crowd*, não dá para dar manobra direito (...) é você e mais um monte de gente para dar uma manobra no mesmo obstáculo (...) fora os moleques da área que ficavam tirando *umas fina*, reclamavam que eu ficava no meio atrapalhando o *rolê* deles” (Alexandre).

No entanto, se por um lado, a grande densidade de skatistas na pista pode gerar atritos e atrapalhar a *sessão*, por outro lado, a ausência do outro afim, deixa de produzir um efeito de vidente e visível (Gil, 2001) na relação: “Não tem graça andar quando a pista está vazia, não dá ânimo” (João). Para muitos skatistas, a ausência de seus pares não permite que a adrenalina, fruto das alianças, seja gerada. A prática solitária diminui a produção do que os skatistas chamam de *vibe* na *sessão*, diminui a produção de um corpo desejante, de um corpo adrenalizado. Este tipo de comportamento evidencia que, embora o skate seja uma atividade individual e, a princípio, independa de seus pares, a prática coletiva é extremamente importante para realização da *sessão*. Assim, muitos preferem se dirigir para a pista apenas nos períodos da tarde e início da noite, quando se encontra mais cheia (*crowdeada*). O acúmulo de um grande número de skatistas no

mesmo espaço faz que seja necessária uma maior coordenação dos agenciamentos, além de uma postura mais estratégica para que cada um consiga construir suas respectivas *linhas* em meio a *sessão* dos outros skatistas. Para quem olha de fora, o caos parece estar instaurado. A transcrição do meu diário de campo evidencia como, nos momentos em que a pista está mais cheia, os movimentos devem se tornar mais estratégicos para que a *sessão* não interrompa as alianças entre os skatistas:

(...) andar na pista quando está *crowdeada*, exige dos skatistas uma certa dose de conhecimento do local, aliado a uma certa *malandragem* para não ficar mais olhando do que propriamente andando de skate. O skatista deve praticar a altivez, ou, como dizem *ser folgado*, por se afirmar (não hierarquicamente) em um espaço que se apresenta, ora acolhedor por abrigar diferentes skatistas, ora hostil por não permitir que a fluidez da pista seja interrompida.

Assim, para não ser considerado um *prego* pelos outros skatistas — característica esta, atribuída para aqueles que não só andam mal, mas, acima de tudo, atrapalham os outros praticantes —, é prudente para os que ali chegarem pela primeira vez, conhecer os múltiplos trajetos que a pista lhe proporciona, não se fixar em pontos que possam prejudicar a fruição dos skatistas, nem tampouco construir trajetórias que *atravessem* e destruam suas *linhas*.

Ao mesmo tempo, pelo fato de na pista não haver um início, nem tampouco um fim, assim como não haver nenhum juiz que sentencie a vez de cada um andar, cabe a cada um aproveitar as brechas, os espaços vazios entre as *linhas* dos diversos skatistas, para conquistar seu espaço, montar a sua *linha* (são nos buracos que o movimento acontece). Para isso, a inserção neste universo movediço deve ocorrer por meio de atitudes em que o skatista seja o senhor de si: ele tem que identificar o aparecimento dos buracos, avaliar as possibilidades para execução do movimento, e por fim realizar a ação, isto é, efetuar a *linha*. Caso contrário ninguém arbitrará por ele (...).

Diário de campo: maio de 2007.

Portanto, nestes períodos de maior densidade, os skatistas, embora mais motivados pela visibilidade proporcionada pelo grande número de pessoas no espaço, devem aliar prudência e estratégia, visto que o excesso de um pode, em alguns casos, significar a quebra nos agenciamentos de alianças podendo, eventualmente acarretar em acidentes e possíveis conflitos que extrapolem uma espécie de jogo lúdico no qual cada um, ao produzir suas *linhas* no espaço, acaba por afirmar suas qualidades para o restante dos skatistas ali presentes. Valendo desta perspectiva, pode-se dizer que a prática do skate, ao contrário de esportes como o futebol, não se processa enquanto uma atividade que ocorre dentro de uma lógica hierárquica competitiva (Lévi-Strauss, 1994), ou seja,

dentro de um sistema normativo que transcende sua prática, marcado por normas que estipulam a priori o começo e o final do jogo. Este tipo de lógica competitiva parte de uma isonomia das regras, dada pela simetria inicial entre os competidores, mas que no decorrer do jogo, deflagra-se um movimento de assimetria entre os praticantes, de modo a segmentá-los de maneira valorativa entre vitoriosos e derrotados. No caso do skate, de modo geral, a competitividade não leva necessariamente a um fim em que seus praticantes sejam estigmatizados entre vencedores e vencidos: “o skate não tem essa pegada de ficar competindo, de ficar um querendo ganhar do outro. No skate é você com o seu corpo, você lida com o limite do seu corpo” (Miguel). Na realidade, a prática do skate não se configura como uma atividade esportiva clássica que possui um início nem tampouco um fim, mas se processa como um meio pelo qual se exercita um jogo relacional de observador - observado, ao invés de vitorioso - derrotado (posições estáticas).

A princípio, caso não haja violação em seus agenciamentos, no skate não existe uma estrutura de códigos normativos que origina a assimetria entre os praticantes. A distinção reside nas diferentes situações que o skatista ocupa, nas quais ora ele vê (sujeito da observação), ora ele é visto (sujeito da ação). A expressão que melhor indica a veracidade desta relação de vidente e visível é o termo nativo *Yeah!* proferido por todos na pista quando determinado skatista consegue realizar uma manobra de grande plasticidade, ou mesmo uma movimento simples, mas que estava empenhado executá-la. O *Yeah!*, assim como as batidas do *shape* contra o chão e os pequenos assobios, expressam formas de respeito e de igualdade independente do skatistas que realizou a manobra. Desferir o *Yeah!*, portanto, expressa uma ação em que o outro torna-se um afim, indica *humildade*. Desta forma, quando um skatista utiliza este termo está demonstrando uma abertura às relações de troca (aliança), em que ora ele é o sujeito da observação (emite o *Yeah!*), ora ele é o sujeito da ação (recebe o *Yeah!*).

Contudo, nem sempre estas práticas são respeitadas, seja por seu desconhecimento, seja por um desejo individualista de apenas querer ser sujeito da ação, jamais sujeito da observação. No primeiro caso, este tipo de situação costuma ocorrer com skatistas que estão iniciando sua prática, pois ainda não incorporaram os agenciamentos que permeiam o uso coletivo da pista, assim, atrapalham a *sessão* dos demais skatistas por falta de familiaridade com este universo, cuja velocidade é a regra. Logo, é comum vê-los quando a pista encontra-se cheia na postura de apenas

observadores, devido ao acanhamento decorrente da pouca habilidade em cima do skate. Nesta fase, é comum ainda que estes jovens skatistas recebam broncas dos mais experientes, que funcionam como uma espécie de orientação pedagógica para que os iniciantes incorporem a “cabulosidade” presente no modo de ser skatista, ou seja, ele deve aprender na prática a realizar sua *sessão* sem atrapalhar as outras *linhas* e sem se deixar intimidar (*ser folgado*).

Neste sentido, pode-se observar que os agenciamentos skatistas obedecem ao que Gilles Deleuze e Félix Guattari chamaram de lei do nomos “que regula uma variação contínua da atividade, com seu próprio rigor, sua própria crueldade” (1997: p. 201). Isto porque, o rigor e a crueldade de que falam os autores acima, remetem a um aprendizado na prática daquilo que os skatistas chamam de *comportamento de rua*, ou *estilo maloqueiro*. Este comportamento *folgado*, para além do senso comum que o relaciona à delinquência, indica uma postura de altivez que o skatista deve ter para enfrentar os desafios que envolvem a prática do skate no meio urbano. Todavia, existe um ténue equilíbrio entre o rigor e a crueldade como “prática pedagógica”, e, por outro lado, como sendo uma estratégia individualista de se colocar apenas como sujeito da ação e não da observação:

“Outro dia eu estava andando aí chegou o Anjinho, puta cara folgado, ele sai voando do *banks* e não está nem aí (...) outro dia ele quase acertou a cabeça de um menino e nem pediu desculpa, pegou o skate e saiu rindo. Quando ele está na pista eu nem ando” (Rosana).

Geralmente, este tipo de comportamento que no meio do skate é denominado como *tesourar*, tende a ser praticado ou por *locais* que se colocam como proprietários do espaço ou, por skatistas que possuem uma *base* mais aprimorada. No primeiro caso, as *linhas* dos que não são *locais* são *tesouradas* na medida em que formas de filiação e posse se sobrepõem a relação de afinidade e aliança. No segundo caso, O próprio sentido dado às manobras é modificado, já que as manobras deixam de ter como parâmetro a forma como cada um lida com os limites de seu próprio corpo, adquirindo um significado único. Ou seja, o valor é abstraído da ação de como cada skatista busca superar-se a si próprio (pluralidade), e passa a ser um ponto referencial pelo qual são criadas segmentações entre aqueles que sabem ou não executar determinadas manobras:

É preciso fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas, ao contrário, de maneira simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões de que se dispõe, sempre $n-1$ (é somente assim que o uno faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele). Subtrair o único da multiplicidade a ser constituída; escrever a $n-1$. Tal sistema poderia ser chamado de rizoma (Deleuze; Guattari, 1995, p. 14 – 15).

No entanto, esta prática rizomática que abre a pista à pluralidade aponta também para um sistema de reciprocidade e de contraprestações que transcende este espaço e conecta os diferentes *pontos skatáveis* da malha urbana, de modo a viabilizar a circulação de skatistas e suas respectivas *localidades* por diferentes bairros da cidade. Nesta perspectiva, pôde-se observar que cada *localidade* constrói para si um *proceder* de acordo com a postura adotada frente aos skatistas de outras *quebradas*. Caso os *locais* sejam *humildes*, um sistema de alianças é acionado para permitir o fluxo destes skatistas para outros bairros sem que haja, a princípio, nenhum conflito. Assim, longe de leis inscritas ou estatutos, códigos ou manuais: “cada comunidade tem uma arma para fazer cumprir os seus direitos: a reciprocidade” (Malinowski, 2002: p. 26), reciprocidade esta que envolve um sistema de aliança e de circulação que indica agenciamentos de trânsito dos skatistas na cidade.

Neste sentido, constatou-se que o *localismo* exercido no CEU Butantã, por meio do *Butanclan*, embora afirme uma propriedade territorial sobre a pista, a princípio, não obstrui a investida do outro afim (de fora) em seu território. Todavia, a forma como estes diferentes skatistas e seus respectivos agrupamentos se relacionam segue a uma variação de acordo com a proximidade das alianças tecidas entre as filiações (*crews*). Deste modo, integrantes de agrupamentos como *Fome Crew*, *Sktilixos*, *Ganja booze*, *BS crew*, *Alcoólatras Suicidas* e *THCrew* por possuírem uma maior *coletividade* com os membros do *Butanclan*, acabam se inserindo na pista com maior familiaridade e fluidez. Alguns skatistas, inclusive, transitam por mais de um agrupamento. Estas alianças mais densas entre *crews* permitem que seus integrantes acabem se misturando mais, na medida em que organizam *sessões* e *demos*¹² em conjunto.

Embora os integrantes do *Butanclan* se definam como sendo uma *localidade* de *quebrada*, que remete a uma forma concreta de pertencimento, de ser da periferia em uma dimensão que a violência e a precariedade social são encaradas de forma positivada, ou

¹² *Demos* são os vídeos de skate produzidos artesanalmente, em que os skatistas demonstram suas habilidades no skate em diferentes *picos*. Estes vídeos são comercializados em lojas especializadas e/ou disponibilizados gratuitamente na Internet.

seja, eles identificam nas dificuldades de sobrevivência da periferia um valor positivo — o saber viver na adversidade — que cria uma identificação entre todos que são da *quebrada* (Pereira, 2005), este não é o vetor principal que viabiliza a relação de reciprocidade deles com outros skatistas. Isto porque, o elemento fundamental que permite a convivência não é dado primordialmente pela *localidade* espacial (ser da *quebrada*), mas sim pelo respeito e a *humildade* com que se relacionam no espaço, como destacou o skatista *local* Azeitona:

“Aqui na pista qualquer um pode *colar* e fazer seu *peão*, *tá ligado*? Mas só que o cara tem que vim na *humildade*, não pode querer se crescer em cima dos outros, *atravessar os manos*”.

Para os skatistas de fora, estrangeiros ao território, pista, independente se reside no bairro ou não, a *humildade* e o não *tesourar* tornam-se os elementos fundamentais para utilizar a pista sem que haja *treta*, principalmente para as filiações que não possuem uma aliança (*coletividade*) a priori com os *locais*:

“Se você vai a um *pico* sem ter a *coletividade* com os *mano* da área, tem que chegar *suave*, na *humildade*, se não vai arranjar *inimizade*. Arranjar *treta* fora da sua *quebrada* é *preju* na certa” (Ricardo).

No entanto, observando o campo discursivo não por aquilo que se diz, mas por aquilo que se vê e sente no decorrer da *sessão*, pôde-se notar que a postura de *humildade* sofre variações de acordo com a situação em que o skatista se encontra. Ou seja, ele tende a agir de maneira mais *humilde* quando está na posição de visitante do que propriamente quando está exercendo o papel de *local*. Isto porque, quando se encontra fora de seus domínios, deve adotar ações mais estratégicas e prudentes ao adentrar territórios desconhecidos. Logo, ao chegar à pista, o primeiro sinal de *humildade* é cumprimentar os outros skatistas presentes, em especial os *locais*. Emprestar materiais - como vela (para que o skate deslize), chaves para ajuste, rolamentos e parafusos - denotam também uma postura de afinidade com outro, assim como, durante a *sessão*, emitir o *Yeah!*, Em caso de queda ajudar o outro (não rir ou ridicularizar), dar dicas para execução de manobras e pedir desculpas em caso de trombadas são outros predicados que evidenciam seu *proceder*. Conforme o skatista assume estas posturas, dificilmente sofrerá algum tipo de constrangimento ou entrave durante sua *sessão*, pois demonstrou *humildade* e *procedimento* ao se colocar em posição de igualdade para com seus pares.

Considerações finais

Nas pistas de skate, a relação entre skatistas *locais* e os de fora do bairro aponta para um jogo relacional de conflito e sociabilidade, na medida em que, por um lado, o gosto comum pela prática do skate, como uma afinidade potencial (um elemento compartilhado por todos), permite que exista um sentimento de pertencimento que, por sua vez, possibilita uma aproximação entre os diferentes segmentos, *crews*, *localidades*. Por outro lado, o conflito no skate é algo latente, seja na relação com crianças, *bikers* e *rollers* em que um discurso “maior” de defesa do território é acionado contra estas forças desterritorializadoras, seja na relação com skatistas de outras *localidades*, especialmente aqueles que não possuem uma *coletividade* com os *locais*. Contudo, se na primeira situação os skatistas tendem a barrar a presença destes corpos estranhos à pista, no segundo caso, foi observada a existência de um sistema de reciprocidade que transforma a pista um espaço de coabitação da diferença, de modo que as *localidades* (unidade) se abram às alianças (pluralidade).

Nesta perspectiva, portanto, ao não se fechar em seu território, ao mesmo tempo em que mantêm uma postura de *humildade* e *procedimento* frente a seus pares, o skatista poderá se conectar para além de seu território sem que, a princípio, sofra qualquer constrangimento. Esta relação de acomodar a diferença no espaço evidencia movimentos centrífugos e centrípetos de construção, tanto de formas de sociabilidade mais densas e de fixação territorial, como de agenciamentos mais amplos de socialidades skatistas pela cidade. A pista, neste sentido, se apresenta como um espaço que possui uma dupla perspectiva que permeia as trocas entre os diferentes skatistas, e seus respectivos agrupamentos; um de estabilidade e repouso (*localismo*), e o outro de instabilidade e movimento (*deriva*).

Maurício Bacic Olic

Graduado em Ciências Sociais pela UNESP

Mestre em Ciências Sociais pela PUC/SP

Resumo: O presente artigo tem como objetivo, por um lado, analisar os modos pelos quais os skatistas, a partir de espaços destinados exclusivamente a sua prática, passam a construir formas mais densas de sociabilidade e de propriedade, entendidas pela categoria nativa de *localismo*. Por outro lado, será observado como que as *localidades* estão conectadas por uma espécie de socialidade skatista que permite aos seus praticantes se espriarem por diversas pistas e *picos* da cidade. Para isso, o artigo valeu-se de um trabalho de cunho etnográfico tendo a *skatepark* do Centro Educacional Unificado do Butantã – situada na região oeste da cidade de São Paulo -, como espaço privilegiado para investigação das formas de *localismo* e reciprocidade que aponta para um jogo relacional de sociabilidade e conflito envolvendo os diferentes atores que atravessam o espaço da pista de skate.

Palavras-Chave: Skate. *Localismo*. Reciprocidade.

Abstract: This article aims to analyze the ways in which skaters from spaces dedicated exclusively to his practice, proceed to build denser forms of sociability and property, understood by native category of *localism*. For this, the article relied on an ethnographic study of the *skatepark* with the Unified Educational Center of Butantã - located in the western city of São Paulo - as a privileged space for the investigation of forms of reciprocity that points to a relational game of sociability and conflict involving the different actors across space of the skatepark.

Key-words: Skateboard. *Localism*. Reciprocity.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Maria Isabel e TRACY, Kátia. *Noites nômades: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- ALVITO, Marcos. *As cores de acari*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.
- BIONDI, Karina. *Junto e misturado uma etnografia do PCC*. São Paulo: Terceiro nome, 2010.
- BRANDÃO, Leonardo. *A cidade e a tribo skatista: juventude, cotidiano e práticas corporais na história cultural*. Dourados: UFGD, 2011.
- BRANDÃO, Leonardo e HONORATO, Tony (orgs). *Skate e skatistas; questões contemporâneas*. Londrina: UEL, 2012.
- BRITTO, Eduardo (org.). *A onda dura: três décadas de skate no Brasil*. São Paulo: Parada Inglesa, 2000.
- CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado*. São Paulo: Cosac & Naif, 2003.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 1*. São Paulo: Editora 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 5*. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DIMENSTAIN, Gilberto. “capital do skate”. *Cotidiano*. São Paulo: Folha de São Paulo, 19.06.02.
- GIL, José. *Movimento total, o corpo e a dança*. São Paulo: Relógio d’Água, 2001.
- HIRATA, Daniel. “No meio de campo: o que está em jogo no futebol de várzea?”. In: TELLES, Vera; CABANES, Robert. *Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios*. São Paulo; Humanitas, 2006.
- LEVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Campinas: Papirus, 1994.
- KORMAN, Alessandra e LULIE, Macedo. “Todas as caras da metrópole”. *Revista da folha*. São Paulo: Folha de São Paulo, 24.08.03.

- MAGNANI, José Guilherme. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº 49. São Paulo: ANPOCS, 2002.
- MALINOWISK, Bronislau. *Crime e costume na sociedade selvagem*. Brasília: Imprensa Oficial/UNB, 2002.
- OLIC, Mauricio Bacic. “De quebrada para quebrada: por uma nova cartografia dos skatistas na metrópole”. In: *Pontourbe*. Disponível em <<http://www.n-a-u.org/pontourbe03/Bacic.html>>. Acesso em: 17 de Abril de 2009. (USP), São Paulo, ano 02, volume 03, artigo 07, 2008.
- MARQUES, Adalton. *Crime, proceder, convívio – seguro: um experimento antropológico a partir de relações entre ladrões*. Tese (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação de Antropologia Social, Universidade de São Paulo, 2009.
- PEREIRA, Alexandre. *De rolê pela cidade: os pixadores em São Paulo*. Tese (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação de Antropologia Social, Universidade de São Paulo, 2005.
- PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.
- ROTATORI, George. “Contra o mito e a favor do skate moderno”. In: *Guia de pistas 100% skate*. São Paulo: Kata Strophe, 2006.
- STRAUSS, Anselm. *Espelhos e máscaras: a busca de identidade*. São Paulo: EDUSP, 1999.
- TOLEDO, Luiz Henrique. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Autores Associados/ANPOCS, 1996.
- UVINHA, Ricardo Ricci. *Juventude, lazer e esportes radicais*. São Paulo: Manole, 2001.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Cosac & Naif, 2002.
- WACQUANT, Loic. *Corpo e alma: notas para um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2002.
- www.butanclan.com.br. Acesso em: 22 de Janeiro de 2010.
- www.cemporcentskate.com.br/blog. Acesso em 03 de novembro de 2009.

Recebido em: 02/01/2012

Aprovado em: 22/05/2012